

## **SOBRE A TERNURA, NOÇÃO ESQUECIDA**

ANA LILA LEJARRAGA

### **RESUMO**

Este trabalho trata da pouco explorada noção de ternura, na tentativa de refletir sobre as relações amorosas no mundo contemporâneo. O estudo aborda criticamente a redução da noção de ternura à inibição do pulsional, procurando nas idéias de Ferenczi, Balint e Winnicott, contribuições para conceber positivamente a ternura.

**PALAVRAS CHAVE:** ternura, amor, contemporâneo, Winnicott

Meu objetivo neste trabalho é abordar a esquecida noção de ternura – noção imprecisa, mas fértil – na tentativa de abrir novas perspectivas para pensar as relações amorosas contemporâneas.

Entendo que a ternura não pode ser reduzida à inibição do pulsional, com seus conseqüentes efeitos de restrição e diminuição do prazer. Proponho, assim, resgatar a outra faceta da ternura - sua dimensão mais originária - apontada por Freud em 1912. Essa outra dimensão da ternura, que remete à necessidade infantil de ser amado, cuidado e considerado, será explorada com base nas contribuições de Ferenczi, Balint e Winnicott. Conceber a ternura positivamente, e não só como inibição de um alvo sexual, seria, a meu ver, uma peça fundamental para refletir sobre o mal-estar amoroso nos dias atuais.

Se com a hegemonia do ideal de amor romântico, o amor era inseparável do sexo e do laço conjugal, com o declínio deste ideal e as transformações sociais das últimas décadas, o sexo divorcia-se do sentimento amoroso e da família. No mundo atual, para gozar dos prazeres eróticos, outrora condenados pela moral burguesa, não é mais necessário se apaixonar ou assumir compromissos e deveres maritais. Como diz Bauman: “O sexo está sendo completamente purificado de todas as “poluições” e “corpos estranhos” tais como obrigações assumidas, laços protegidos, direitos adquiridos”<sup>1</sup>. A função social do sexo muda: de base da família e suporte na construção das estruturas sociais duráveis, desloca-se para o universo da coleção de experiências, transformando-se o indivíduo pós-moderno num “coleccionador de sensações”<sup>2</sup>.

A hiperinflação da sexualidade e seu crescente isolamento de qualquer modalidade de laço afetivo, parece ter diminuído o valor das relações amorosas, que se tornam cada vez mais distantes e efêmeras: os indivíduos fecham-se em suas couraças narcísicas e preservam-se da ameaçadora dependência do outro. O amor romântico, referência idealizada e inatingível nas épocas passadas, é questionado e aparentemente ultrapassado e, no seu lugar, só encontramos sentimentos de desencontro, insatisfação e solidão.

Segundo Lipovetsky, na *Era do vazio*, as paixões são canalizadas no sentido do Eu, promovido à categoria de umbigo do mundo. Assim, ama-se narcisicamente o próprio eu e renuncia-se ao amor pelo outro, que ameaça a autonomia individual, sem deixar, porém, de continuar aspirando aos laços sentimentais, cada vez mais raros e breves. Nas palavras de Lipovetsky: “Por

que não posso amar e vibrar? Desolação de Narciso, demasiado bem programado na sua absorção em si próprio para poder ser afectado pelo Outro, para sair de si – e, no entanto, insuficientemente programado, pois que deseja ainda um mundo relacional afetivo”<sup>3</sup>.

A vida amorosa atual parece estar encurralada: o ideal de amor romântico, tirânico e excludente, encontra-se em decadência, mas o sujeito contemporâneo, a despeito de seu caráter narcísico e individualista, não pode deixar de querer amar e ser amado.

Interrogamos-nos em que consiste esse “desejo de um mundo relacional afetivo”, ou essa necessidade de ser amado, irredutível, evidentemente, à simples satisfação erótica.

Quando Freud teorizava sobre o amor, a imagem do amor era indissociável do amor romântico, e nessa imagem se fundiam a idealização passional, o amor e a sexualidade. Assim, quando Freud constrói a metapsicologia do amor, não estabelece uma clara distinção teórica entre essas dimensões do fenômeno amoroso, tornando-se quase sinônimas as noções de amor e apaixonamento<sup>4</sup>.

Freud recorre ao mito de Narciso -uma história de amor que culmina em morte- para falar do amor. A dinâmica amorosa se compreende em torno dos processos de idealização e das tentativas de restauração do estado narcísico. O estar apaixonado consiste num transbordar da libido narcisista sobre o objeto, que é elevado ao nível do ideal. O apaixonamento representa uma via imediata de acesso ao ideal e à onipotência narcísica<sup>5</sup>.

O investimento libidinal do objeto amado torna o eu apaixonado frágil e dependente do amado. O trabalho de idealização outorga ao objeto virtudes e perfeições imaginárias, deixando “cego” o eu apaixonado. E na medida em que o objeto é colocado no lugar do ideal, o amante torna-se um humilde servo do objeto idealizado. Através da idealização do objeto de amor, e da aspiração de união com ele, o eu pretende a fusão narcísica, a plenitude. O amor, por sua natureza narcísica, aspira a um reencontro com os primeiros objetos, perdidos para sempre. O apaixonamento tem um caráter ilusório, já que, por um lado, projeta no objeto os próprios ideais narcísicos, conferindo-lhe perfeições inexistentes e, por outro lado, acena imaginariamente com uma completude irrealizável. Desse modo, a metapsicologia do amor centrada no narcisismo enfatiza o caráter impossível e ilusório da plena realização amorosa, constituindo uma magistral metáfora da paixão romântica.

A teoria freudiana do amor inclui, em 1921, o ingrediente da ternura, responsável pela persistência do sentimento amoroso, além da simples atração sensual. Na *Psicologia do grupo e análise do ego*<sup>6</sup>, Freud considera que o estar apaixonado é resultado da confluência do amor sensual e da ternura, e que graças à contribuição da corrente terna, é possível medir o grau de apaixonamento.

No *Pós-Escrito* do mesmo texto, Freud faz uma longa análise sobre a noção de ternura como pulsão sexual inibida quanto ao alvo, contraposta à sensualidade, que corresponde às pulsões sexuais diretas ou sem inibição.

Embora na *Psicologia do amor*, em 1912, a ternura fosse considerada a corrente mais antiga, ligada aos cuidados parentais, Freud retoma em 1921 a

noção de ternura esboçada nos *Três Ensaio*s, em que o sentimento terno era um derivado do recalque da sexualidade. Assim, na *Psicologia do amor*, Freud considerava que “De essas duas correntes (terna e sensual), a terna é a mais antiga. Ela procede da primeira infância; formou-se fundando-se nos interesses da pulsão de auto-conservação e se dirige para as pessoas da família e aquelas que cuidam criança”<sup>7</sup>. E em 1921, afirma Freud: “A observação direta, bem como a subsequente investigação analítica dos resíduos da infância, não deixa dúvidas quanto à confluência de sentimentos ternos e ciumentos, por um lado, e propósitos sexuais, pelo outro”<sup>8</sup>. A pessoa amada, conclui Freud, é objeto das aspirações sexuais, enfatizando só um dos pólos dessa confluência de afetos.

Posteriormente, toda a configuração amorosa edípica sucumbe ao recalque, e as aspirações sexuais ficam recalçadas e inconscientes, só restando, em relação aos primeiros objetos de amor, laços de ternura. Assim, o sentimento de ternura proviria das aspirações sexuais incestuosas, constituindo uma pulsão inibida quanto ao alvo, produto da ação do recalque<sup>9</sup>.

Entretanto, Freud reconhecia uma mistura de sentimentos ternos e desejos sexuais num momento anterior ao drama edípico e à castração, no começo das relações do infante com as pessoas encarregadas de seu cuidado. Qual seria a origem da ternura infantil anterior à castração, se ainda não houve motivos para a inibição do alvo sexual? A noção de inibição supõe a existência de obstáculos que impedem a pulsão de atingir sua meta de forma direta, “encontrando uma satisfação atenuada em atividades ou relações que podem ser consideradas como aproximações mais ou menos longínquas do alvo primitivo”<sup>10</sup>. A inibição é considerada como um princípio de sublimação, porque

em ambas a pulsão se afasta do alvo sexual direto. Mas enquanto a sublimação substitui o alvo sexual por outro socialmente valorizado, a inibição não abandona totalmente a meta originária, se contentando com aproximações da mesma e satisfações atenuadas. Em função disso, a pulsão inibida nunca atingiria uma cabal satisfação, já que o prazer obtido seria sempre “menor” ou “diminuído” em relação à satisfação do alvo originário.

Resumindo, vemos que Freud oscila entre uma concepção de ternura como pulsão inibida, na descrição da vida sexual adulta, e uma idéia de ternura infantil, cuja origem não poderia ser teorizada como inibição. Como explicar que a ternura seja uma pulsão de alvo inibido – o que pressupõe uma restrição do alvo direto e, portanto, alguma forma de interdição – e a existência da ternura na infância, desde as origens?

Frente a esse impasse, sucessores de Freud como Ferenczi, Balint e Winnicott, desenvolveram uma noção de ternura mais complexa, que não poderia ser reduzida à inibição do funcionamento pulsional.

Ferenczi, com sua noção de linguagem da ternura contraposta à linguagem da paixão nos ajuda a pensar a ternura positivamente, como uma modalidade da vida erótica infantil, de caráter lúdico, que precede à castração e ao recalque, diferente do erotismo passional adulto e sem a conotação de restrição ou inibição da concepção freudiana<sup>11</sup>.

Balint, discípulo de Ferenczi, desenvolve uma concepção da ternura e das relações objetais precoces irredutíveis ao pulsional. Considera ele que devemos distinguir o desenvolvimento pulsional, que diz respeito às pulsões parciais auto-eróticas, e o desenvolvimento relacional, que diz respeito às

relações de objeto amorosas<sup>12</sup>. Para Balint, os modos de amar não dependem dos objetivos e fontes das pulsões parciais, já que se trata de processos diferentes. Uma coisa seria, para o autor, o desenvolvimento do erotismo e outra, o desenvolvimento do amor. A criança apresenta, inicialmente, na teoria balintiana, um desejo passivo de ternura, ou desejo de ser amado, cuja satisfação é uma sensação calma e tranqüila de bem-estar. Esse desejo de ternura passivo, que Balint denomina também de amor de objeto passivo ou de amor primário, consiste no desejo de ser amado e cuidado sempre, de ser atendido em todos os desejos, interesses e necessidades, de forma incondicional, sem ter que dar nada em troca. O fato de se tratar de um “desejo passivo de ternura”<sup>13</sup> não significa que o mesmo seja exprimido de forma atenuada ou passivamente. A demanda infantil de ternura tem um caráter apaixonado, e a reação à ausência de gratificação dessa demanda suscita respostas passionais e agressivas.

Balint considera que embora Freud tenha apontado duas facetas da ternura – como a corrente mais antiga e como sexualidade inibida quanto ao alvo – só se preocupa em teorizar a segunda faceta. Da perspectiva balintiana, temos duas formas de ternura: a ternura ativa dos adultos e a ternura passiva infantil.

A ternura ativa adulta corresponde à pulsão sexual inibida no seu alvo. É sabido que o alvo sexual se refere ao prazer de órgão das pulsões parciais ou ao prazer orgástico. Contudo, entendo que a ternura só pode corresponder à inibição de um alvo sexual que pressuponha uma relação objetal para sua satisfação. Pensamos que a inibição de um objetivo auto-erótico, como por

exemplo de uma pulsão parcial anal, não provocaria ternura. A ternura enquanto pulsão inibida seria a contrapartida do amor sensual, e o alvo sexual inibido seria o prazer orgástico genital. E como a pulsão inibida não abandona totalmente a meta originária, contentando-se com aproximações da mesma, o prazer obtido na ternura será sempre menor ou diminuído que o sexual direto. A ternura adulta não existiria antes do recalque. Entretanto, a ternura passiva infantil<sup>14</sup> existe durante toda a vida, desde a primeira infância até a velhice, e funciona como um componente imprescindível de toda relação amorosa.

O impasse freudiano da ternura como pulsão sexual de alvo inibido e como corrente mais antiga se dilui, assim, com as contribuições de Ferenczi e Balint, já que se trataria de duas formas diferentes de ternura.

A concepção de Winnicott do desenvolvimento emocional primitivo<sup>15</sup>, também nos auxilia para positivar a ternura como uma modalidade de laço precoce entre o bebê e a mãe, não derivando da inibição do pulsional. Winnicott explora terrenos não desenvolvidos por Freud, valorizando o amor nas primeiras trocas entre o bebê e o meio-ambiente, tanto da perspectiva dos indispensáveis cuidados amorosos do ambiente, quanto do desenvolvimento da capacidade de amar no sujeito.

A expressão primitiva do amor inclui a agressividade, que é quase um equivalente da atividade ou da motilidade da força vital. Como nesse momento inicial ainda não existe integração nem organização egóicas, os impulsos amorosos coexistem com os impulsos ativos e impiedosos que não tem consideração com o objeto<sup>16</sup>. Devemos diferenciar, nesse estágio inicial, o amor primitivo da criança da devoção amorosa materna, condição



indispensável para a experiência dos estados de tranquilidade, a confiança no ambiente e a própria constituição subjetiva. A ênfase de Winnicott reside nos cuidados amorosos que o ambiente pode brindar, já que o amor primitivo infantil não poderia ser definido muito além da total dependência do bebê e de seu impulso vital criativo.

No estágio inicial da dependência absoluta, o fundamental é o processo silencioso da integração, personalização e adaptação à realidade que realiza o bebê, sustentado pela provisão do amor materno, e condição de possibilidade das conquistas posteriores. Nesse estágio, convivem os estados tranquilos e excitados do bebê, que correspondem a duas funções de mãe: a mãe-ambiente, amada pelos cuidados que propicia e a mãe-objeto, atacada pela excitação pulsional<sup>17</sup>. Aos poucos o bebê vai reconhecendo que a mãe dos estados calmos; a mãe do amor calmo ou da ternura, e a mãe dos estados excitados; a mãe do amor excitado ou da paixão<sup>18</sup>, são uma mesma pessoa. Assim, o bebê percebe que o objeto atacado é o mesmo que o amado, desenvolvendo a capacidade de concernimento<sup>19</sup> (*concern*) pelos possíveis danos feitos à pessoa amada. Se a mãe for suficientemente boa e sobreviver aos impulsos eróticos e impiedosos do bebê, aceitando seu concernimento e reparação, ele aprende a dar e reparar, estabelecendo-se um ciclo benigno de destruir e reparar, machucar e curar, etc. A criança aprende a ter confiança no ambiente, que propicia e reafirma seu impulso espontâneo. A criança se torna responsável e preocupada com o objeto amado, integrando a frustração e a raiva no sentimento amoroso. A criança passa a reconhecer o outro como uma pessoa total e aprende a cuidar dele, o que constitui a base das relações amorosas. O amor, nesta perspectiva, pode ser concebido como a capacidade

de reconhecer o outro, de cuidar do outro, e permanecer, ao mesmo tempo, espontâneo e criativo. O amor ou a capacidade amorosa surge de um longo processo de trocas entre o indivíduo e seu ambiente, como uma afirmação do gesto criativo conjuntamente com a descoberta do outro.

É importante salientar, no intuito de definir melhor a noção de ternura, a distinção winnicottiana entre a dependência do lactente e a condição psicológica da mãe. No final da gravidez e até as primeiras semanas ou meses após o nascimento, a mãe comumente desenvolve um estado de sensibilidade aumentada para atender incondicionalmente às necessidades e desejos do bebê: estado de “preocupação materna primária”, ou “devoção materna”<sup>20</sup>. As necessidades do bebê, que são inicialmente corporais e aos poucos se transformam em necessidades do ego, não podem, segundo Winnicott, serem reduzidas a tensões instintivas; trata-se de necessidades do ego ou de necessidades psíquicas primárias, como aconchego, calor, colo, contato corporal, etc.

A sensibilidade exacerbada da mãe devotada, que seria, a meu ver, um sentimento de ternura intensificado, corresponde à capacidade da mãe de se identificar<sup>21</sup> com o que o bebê sente. Entendo que o eu materno se identifica com a condição dependente e frágil do recém-nascido, como se a mãe projetasse no bebê seu próprio desamparo infantil. Nesse sentido, minha hipótese é considerar que a ternura pressupõe uma forma de identificação, que pode ser chamada de identificação terna, em que uma parte do eu se identifica com um aspecto desvalido do objeto, remetendo-se a sua própria dependência infantil.

Recapitulando, vimos que autores como Ferenczi, Balint e Winnicott desenvolvem uma concepção da ternura que não deriva da inibição do pulsional nem pressupõe a interdição do sexual. Ferenczi criou a noção de linguagem da ternura ou estágio da ternura, considerando que crianças nesse estágio não poderiam se abster da ternura, sobretudo materna. Balint desenvolve a idéia de um desejo passivo de ternura irreduzível ao pulsional, cuja satisfação gera uma sensação de calmo e tranqüilo bem-estar. E Winnicott aborda a construção da capacidade amorosa num longo processo de trocas entre o indivíduo e o ambiente, teorizando sobre os cuidados amorosos maternos, que permitem a satisfação das necessidades psíquicas primárias, propiciando os estados calmos do bebê.

Para efeitos deste trabalho, e sem desconhecer as diferenças teóricas entre os autores, aproximamos as noções de “necessidades psíquicas primárias” e “desejo passivo de ternura”. Essas necessidades psíquicas, que produzem, quando satisfeitas, estados calmos e experiências de bem-estar, poderiam ser ressignificadas como “necessidade infantil de ternura”, já que embora o bebê nada saiba sobre a necessidade que o aflige, quando não recebe uma adequada provisão de ternura materna, sofre danos na constituição de seu *self* y na sua integração egóica<sup>22</sup>.

Essa “necessidade infantil de ternura”, do meu ponto de vista, deriva da dependência do bebê dos cuidados do adulto para sua sobrevivência e sua organização psíquica. Assim, se temos que supor alguma base para a “necessidade infantil de ternura”, esta não seria a satisfação das pulsões de auto-conservação nem a inibição das pulsões sexuais, mas o estado de

desamparo<sup>23</sup>. Como diz Freud, o “estado de desamparo produz as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, de que o homem não se livrará mais”<sup>24</sup>.

Entendo que essa necessidade de “ser amado”, que acompanhará o homem durante toda sua vida, porque sua condição não deixará nunca de ser desamparada, não se refere à necessidade do amor romântico, nem da idealização passional, que Freud teorizava na metapsicologia do amor, mas à necessidade de ternura, de ser reconhecido, cuidado e amado por um outro.

Por outro lado, o que se entende geralmente como “capacidade de amar” não seria a capacidade orgástica nem de idealizar o objeto, mas a capacidade de reconhecer o outro; de considerar e se preocupar com ele; de se identificar ternamente com sua condição desvalida, ou seja, a capacidade de sentir ternura.

Quando Freud, em 1921, acrescentava o ingrediente da ternura, ampliava sua concepção do amor, indissociável até esse momento da imagem da paixão romântica, impossível e absoluta. A inclusão da ternura pode ser pensada como um tributo freudiano à visão romântica do amor e do casamento, que conjugaria, numa relação única, desejo sexual, paixão, ternura, amizade e duração. Desse modo, a ternura permitiria ultrapassar a fugacidade e precariedade da idealização passional, garantindo a permanência do laço.

O sentimento de ternura não seria só condição para medir o grau de apaixonamento, como afirmava Freud em 1921, mas condição dos laços afetivos em geral. A marca distintiva do apaixonamento, no meu entender, que

o diferencia do simples desejo erótico, é a idealização narcísica do objeto, que pode levar ao total domínio do ego por parte do objeto idealizado e à humilhação egóica, como também às sensações de fusão e completude e aos estados de êxtase amoroso.

Com esta nova leitura da noção de ternura, o componente de ternura deixaria de ser imprescindível no apaixonamento, para se tornar condição do amor num sentido amplo. Assim, teríamos apaixonamentos em que não se desenvolve o sentimento de ternura, como acontece em certas paixões com evoluções perversas, como também teríamos relações ternas em que não existe a idealização passional. A ternura não se associa necessariamente a mecanismos de idealização, mas remeteria, a meu modo de ver, a processos precoces de identificação.

Vemos que as contribuições de Balint e Winnicott nos ajudam a conceber a ternura positivamente e não como uma satisfação atenuada ou substituta frente ao gozo sensual. Entendo que não se trata de perspectivas teóricas opostas do fenômeno amoroso, mas de leituras complementares desse fenômeno. Enquanto Freud, leitor de Goethe, teorizava sobre impossíveis paixões românticas, Balint e Winnicott, com outras influências teóricas, enfatizam o valor positivo da ternura e a construção da capacidade de amar no sujeito, acenando com a viabilidade amorosa.

Finalizando, sabemos que o modelo de amor romântico, proposta moral e política de Rousseau para a sociedade burguesa em ascensão, foi atomizado com as transformações sociais das últimas décadas. Entretanto, o declínio do ideal romântico não foi substituído por outro ideal amoroso, permanecendo

ainda, no imaginário de nossa cultura, como imagem do “verdadeiro” amor e via privilegiada de acesso à felicidade.

A alternativa amorosa nos dias atuais parece se reduzir à polaridade entre o refúgio no amor romântico de outrora, com a conseqüente perda da liberdade sexual e o sofrimento pela impossibilidade de atingir um ideal tão absoluto, ou a insatisfação sentimental com o livre gozo da sexualidade. Creio, contudo, que o indivíduo não anseia hoje por uma maior liberdade sexual, já conquistada, nem aspira retornar à tirania do amor romântico, com suas renúncias, padecimentos e exclusões. O que o indivíduo contemporâneo não pode, apesar do livre acesso aos prazeres sexuais e da decadência do ideal romântico, é se abster dos laços afetivos, da necessidade de amar e de ser amado de alguma forma. O sujeito contemporâneo, o “coleccionador de sensações”, é um ser agônico de ternura, que não consegue abrir mão da necessidade de ternura.

Minha crença é de que, assim como o amor romântico deixou de ser a única alternativa possível para a vida sexual, também pode deixar de ser o reduto nobre da ternura. Da mesma forma que o sexo pôde se libertar do modelo romântico, que só o legitimava quando fusionado ao amor apaixonado e à construção de um laço conjugal, com sua conseqüente carga de padecimento e tragédia, talvez a ternura possa também ser desatrelada desse modelo, buscando novas formas de expressão fora dos totalizantes imperativos românticos.

Encontramos um exemplo dessas novas expressões da ternura no belíssimo filme de Almodóvar, *Fale com ela*, em que os personagens principais

vivem raros amores não convencionais, cuja marca é a ternura. O filme nos mostra dois homens solitários, que conseguem, apesar das condições sofridas e adversas a qualquer ideal de felicidade romântica, acenar com a possibilidade da ternura. Poderia parecer que *Fale com ela* trata da impossibilidade amorosa, do desencontro e da incomunicação, já que as “namoradas” estão comatosas e mudas, mas provoca, curiosamente, uma sensação de esperança na viabilidade amorosa, pelos laços ternos entre os personagens.

Para concluir, minha esperança é de que o declínio do ideal romântico, embora tenha produzido desconcerto e incerteza, possa trazer a vantagem de ter que reinventar novas modalidades amorosas, talvez mais ternas e possíveis, criando novas combinações de erotismo e ternura que contribuam para diminuir o mal-estar contemporâneo.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>1</sup> BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 185

<sup>2</sup> Ibid, p. 184

<sup>3</sup> LIPOVETSKY, G. *A era do vazio*, Lisboa: Relógio d'água, 1983, p. 48

<sup>4</sup> Cf LEJARRAGA, A.L. *Paixão e ternura, um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002

<sup>5</sup> Cf FREUD, S. *Introducción del narcisismo*, Obras Completas, Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. VII

<sup>6</sup> Cf FREUD, S. *Psicología de las masas y análisis del yo*, ed. cit, v. XVIII

<sup>7</sup> FREUD, S. *Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II)*, ed. cit., v. XI, p. 174

<sup>8</sup> FREUD, S. *Psicología de las masas y análisis del yo*, ed. cit., v. XVIII, p. 130

<sup>9</sup> Ibid

<sup>10</sup> LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 311

<sup>11</sup> Cf FERENCZI, S. “Confusão de língua entre os adultos e as crianças” in: *Escritos Psicanalíticos*, Rio de Janeiro: Taurus, 1989

<sup>12</sup> Cf BALINT, M. “Remarques critiques concernant la théorie des organisations pré-génitales de la libido” in: *Amour primaire et technique psychanalytique*, Paris: Payot, 1972, p. 52

<sup>13</sup> Ibid, p. 62

<sup>14</sup> Cabe destacar que a noção de ternura passiva alude ao desejo de ser amado ternamente, correspondendo aquilo que a criança deseja receber do objeto, e não ao que ela sente pelo objeto. A ternura é passiva não porque a criança tenha um comportamento passivo, mas porque é objeto da ternura do outro.

<sup>15</sup> Cf WINICOTT, D. W. “Desenvolvimento emocional primitivo” in: *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 2000

---

<sup>16</sup> Cf WINNICOTT, D. W. “A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional” in: *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 2000

<sup>17</sup> Cf WINNICOTT, D. W. “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar” in: *O ambiente e os processos de maturação*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

<sup>18</sup> Cf O'DWYER de MACEDO, H. *Do amor ao pensamento*, São Paulo: Via Lettera, 1999, p. 56

<sup>19</sup> Cf WINNICOTT, D. W. “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar” in: Op. cit.

<sup>20</sup> Cf WINNICOTT, D. W. “A preocupação materna primária” in: *Da pediatria à psicanálise*, ed. cit.

<sup>21</sup> Ibid

<sup>22</sup> Winnicott considera, referindo-se às necessidades egóicas, que se trata de necessidades e não de desejos, porque sua não satisfação provocaria graves danos na formação egóica e na constituição do *self*.

<sup>23</sup> Referimo-nos ao “estado de desamparo” no sentido dado por Freud no *Projeto* de 1895, como um estado de dependência física e psíquica do infante, que precisa da ação de outrem para sua sobrevivência, o que não deve ser confundido com o sentimento de desamparo nem com a ausência de amparo.

<sup>24</sup> FREUD, S. *Inibición, sintoma y angustia*, ed. cit, v. XX, p. 145